

## OS CAMINHOS DA MEMÓRIA EM FREUD: TRAÇO, REARRANJO, TRADUÇÃO E ÍNDICE

# 4

### THE PATHS OF MEMORY IN FREUD: TRACE, REARRANGEMENT, TRANSLATION AND INDEX

#### **RIBEIRO JÚNIOR, Laelson Matos**

Mestrando do “Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade” da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.

E-mail: laelsonmrj@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1311-6523>

#### **SILVA, Edvania Gomes da**

Doutora em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Docente Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil.

Atua no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS – UESB) e no

Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin – UESB).

Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis).

E-mail: edvania.gomes@uesb.edu.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6201-7583>

#### **RESUMO**

Neste artigo, o qual faz parte de uma pesquisa maior, desenvolvida no Mestrado em “Memória: Linguagem e Sociedade”, objetivamos, discutir o desenvolvimento da concepção de memória na teoria psicanalítica cunhada por Sigmund Freud. Para tanto, realizamos revisões teóricas sistemáticas e buscamos conceituar o modo como a memória se apresenta ao longo da obra do referido autor. Identificamos três momentos principais em que a memória se configura e reconfigura: i) em certos trabalhos, há uma concepção de memória enquanto produção; ii) em um segundo grupo de textos, vemos aparecer uma memória arquivística; e, iii) em um terceiro momento, após tensões e processos de elaboração, a concepção de memória é rearranjada, firmando-se seu caráter de singularidade construída a partir de múltiplos registros.

**Palavras-chave:** : Memória; Psicanálise; Freud.

## ABSTRACT

In this article, which is part of a research developed in the Master in “Memory: Language and Society”, we aim to discuss the development of the concept of memory in the psychoanalytic theory coined by Freud. Therefore, we carry out systematic theoretical reviews and seek to conceptualize the way in which memory is presented throughout the work of that author. We identified three main moments in which memory is configured and reconfigured: i) in certain works, there is a conception of memory as a production; ii) in a second group of texts, we see an archival memory; and, iii) in a third moment, after elaboration, the conception of memory is rearranged, establishing its character of uniqueness built from multiple registers.

**Keywords:** Memory; Psychoanalysis; Freud.

## INTRODUÇÃO

Ao nos analisarmos a psicanálise cunhada por Freud, notamos que muitos de seus conceitos são construídos e reconstruídos ao longo das décadas de trabalho do autor. Em relação à concepção de memória, essa dinâmica não é diferente. Pensar a memória na teoria freudiana é transitar em torno de um conceito central, que foi — apesar de sua centralidade, ou justamente por conta dela — configurado e reconfigurado ao longo de anos de trabalho prático e teórico, o que permitiu que a densidade do referido conceito fosse constituída a partir de múltiplos estratos.

Em certos trabalhos, mesmo em alguns que são considerados ainda como pré-psicanalíticos, a concepção de memória delineada por Freud era dotada de certa originalidade, rompendo com muitas das tradições do pensamento sobre a memória vigentes na antiguidade. Porém, ao mesmo tempo, encontramos trabalhos publicados no fim do século XIX e também no início do século XX, em que a memória aparece conceituada de forma que atava fundamentalmente a problemática desta como arquivo, o qual guardaria a verdade da materialidade da experiência traumática.

É verdade que a compreensão da memória que é apresentada nas últimas obras de Freud guarda pouquíssimas relações (não nos arriscaremos aqui a dizer que não há nenhuma relação) com uma concepção de memória atravessada por uma perspectiva arquivística. No entanto, das primeiras teorizações freudianas sobre a memória até as

últimas, a dinâmica da realidade-fantasia se faz um campo de tensões sempre presente, estando intimamente relacionada com esse movimento complexo de construção e reconstrução do conceito de memória.

Nosso objetivo, neste artigo, é justamente o de estabelecer os contornos desse percurso da memória nos trabalhos de Freud, analisar o modo como a concepção de memória tem sua configuração e reconfiguração marcada no interior da teoria freudiana, buscando estabelecer suas bases e conceituações, suas mudanças e suas implicações para o modo de pensar a subjetividade a partir da psicanálise.

Visando possibilitar a execução da tarefa à qual nos propusemos, realizamos, inicialmente, revisões teóricas sistemáticas da obra freudiana, a partir das quais esquadrimos o desenvolvimento geral da ideia de memória na obra do autor. Recorremos também a outros autores, comentadores de Freud, os quais nos ajudaram a pensar o percurso e desenvolvimento do mencionado conceito em todo o trabalho do fundador da psicanálise.

Para operacionalizar a apresentação das ideias advindas do nosso movimento de pesquisa, dividiremos nosso texto em três momentos principais — com exceção desta introdução e das considerações finais. No primeiro deles, propomos pensar a memória conforme era teorizada a partir do “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]) e da “Carta 52” (1954 [1896]), delineando o conceito de memória como marca e diferença. O segundo momento será dedicado a analisar os modos pelos quais a concepção de memória em Freud é modificada a partir da teoria da sedução e do método catártico. Nesse sentido, discutimos de que forma esta teoria e este método apresentam uma memória despida de sua característica singular de produção, inscrevendo-a sob o signo de uma memória atravessada pela noção de arquivo. A última sessão partirá da introdução do conceito de narcisismo, para mostrar os trabalhos que, aos poucos, promovem o afastamento de Freud de uma certa ideia de memória como continente da experiência, substituindo-a, lentamente, por uma concepção de memória que se apresenta como potência criativa.

### **OS TRAÇOS DE MEMÓRIA**

Em Freud, as primeiras proposições sobre a memória aparecem ainda antes dos trabalhos vistos como propriamente psicanalíticos. Estamos fazendo referência, aqui, mais especificamente, ao “Projeto para uma Psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]) e também à conhecida

“Carta 52” (1954 [1896]), enviada a Fliess em 1896.

No projeto de 1895, Freud (1954 [1895]) afirma que “qualquer teoria psicológica que mereça consideração deve fornecer uma explicação para a memória” (p. 359, tradução nossa). No trabalho em questão, o autor enuncia que sua proposta de trabalho é representar os processos psíquicos como “estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis e, assim, torná-las claras e sem contradições” (1954 [1895], p. 354, tradução nossa). Para tanto, ele lança a tese de que aquilo que diferencia o estado de atividade do estado de repouso é uma certa quantidade  $Q$  de natureza inespecífica<sup>1</sup>, e que as partículas materiais, sobre as quais se baseiam os processos psíquicos, são os neurônios.

Freud (1954 [1895]) segue expondo a tese de que existem diferentes tipos de neurônios — inicialmente, na primeira metade da referida obra, são dois tipos. O primeiro grupo é teorizado como sendo completamente permeável a  $Q$ , de modo que não oferece qualquer resistência e não retém absolutamente nada da passagem do estímulo excitatório. Este grupo de neurônios se relaciona, então, segundo o autor, com as funções da percepção.

Do outro lado, segundo a hipótese freudiana (1954 [1895]), temos o segundo grupo, formado por neurônios impermeáveis. Esta propriedade de impermeabilidade seria responsável por fazer com que os neurônios oferecessem resistência e retivessem parte do quantitativo  $Q$ . Esse grupo de neurônios, afirma Freud (1954 [1895]), “são os veículos da memória e, presumivelmente, portanto, dos processos psíquicos em geral” (1954 [1895], p. 360, tradução nossa).

A tese freudiana é a de que há, nestes grupos de neurônios, aquilo que o autor chama de “barreiras de contato”. O primeiro grupo de neurônios que citamos permitiria que  $Q$  passasse por eles sem oferecer qualquer resistência, como se não houvesse nenhuma barreira

1 No “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]) a natureza de  $Q$  é bastante inespecífica. Freud refere-se a isto apenas como um quantitativo, embora não saibamos especificamente de que. No entanto, podemos nos amparar em outras obras freudianas posteriores ou em trabalhos de comentadores da obra freudiana para tentar tornar o sentido de  $Q$  um pouco mais fácil de se compreender. Em obras como “Além do princípio do prazer” (2010 [1920]), essa ideia de um quantitativo do qual o organismo tenta se livrar, ou abaixar até certo nível de homeostase, é retomada, mesmo que com outras terminologias. Se pensarmos em obras como essa,  $Q$  seria, então, uma forma de energia, energia libidinal, se assim preferirmos, algo que investiria os neurônios. O termo utilizado por Freud, em 1895, para definir esse estado ocupação dos neurônios por  $Q$  foi *Besetzung*, traduzido para “catexia”, por Strachey, e para “investimento”, em muitas traduções para o português. *Besetzung* é o mesmo termo usado em obras posteriores, quando, por exemplo, Freud fala de investimento de libido em um objeto. Garcia-Roza (2011, p. 39), em “Freud e o inconsciente”, afirma *Besetzung* se trata de uma carga de afeto ou soma de excitação. Deste modo, para tentar tornar o exercício de entendimento do projeto ligeiramente menos complexo, podemos tomar aqui, de antemão, embora pareça um anacronismo,  $Q$  como um quantitativo de energia afetiva, libidinal, uma carga de excitação.

de contato. Após essa passagem, após a excitação, estes neurônios são deixados nas mesmas condições que estavam anteriormente, ou seja, permanecem inalterados. Freud (1954 [1895]) chamará este grupo de neurônios de sistema  $\Phi$ .

No entanto, com o segundo grupo de neurônios a situação seria bastante diferente: os neurônios desse sistema seriam caracterizados por possuírem barreiras de contato que se apresentam e operam sobre a passagem de  $Q$ , fazendo com que a quantidade  $Q$  advinda do estímulo excitatório passe por eles apenas parcialmente ou com dificuldade. “Essa segunda classe pode ser deixada em uma condição modificada após cada excitação e, portanto, oferece a possibilidade de representar a memória” (FREUD, 1954 [1895], p. 360, tradução nossa). Estes neurônios constituem, na nomenclatura proposta por Freud (1954 [1895]), o sistema  $\Psi$ .

A proposição freudiana (1954 [1895]) de que a memória poderia ser explicada justamente através desses neurônios impermeáveis pode ser justificada da seguinte maneira: os neurônios do sistema  $\Psi$  são permanentemente alterados no curso do estímulo excitatório, ou, dito de outro modo, suas barreiras de contato são alteradas permanentemente para uma condição diferente da anterior. Assim, as barreiras de contato se tornariam mais ou menos permeáveis a  $Q$ , facilitando ou dificultando a sua passagem. A passagem de  $Q$  pelo sistema  $\Psi$ , através de alteração permanente das barreiras de contato dos neurônios, cria rotas (*Bahn*) privilegiadas pelas quais  $Q$  pode passar, permitindo pensar as barreiras de contato segundo o seu grau de facilitação (*Bahnung*) (FREUD, 1954 [1895]).

Freud pontua que a memória seria um efeito das diferenças nas barreiras de contatos existentes de neurônio para neurônio. Ou, dito de forma ainda melhor, nas palavras do próprio autor, que certamente soam em mais alto volume que as nossas, “é mais correto dizer que a memória é representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios  $\Psi$ ” (FREUD, 1954 [1895], p. 361, tradução nossa).

Esta posição se delineaia ainda mais robustamente na “Carta 52” (1950 [1896]), enviada por Freud a Fliess, em 1896. Nela, podemos ver o referido autor propor que a memória se faria por traços mnemônicos (*Erinnerungsspuren*) deixados no sistema inconsciente, os quais poderiam, de tempos em tempos, sofrerem rearranjos e retranscrições. Para além disso, deveria haver, na passagem de algo não consciente para o domínio da consciência, uma espécie de tradução, uma tradução do traço.

Segundo o próprio Freud, o que há de essencialmente novo nessa teoria — o elemento que a diferenciaria de outras modalidades de pensamento sobre a memória vigentes até então — é “a afirmação de que a memória não é simples, mas múltipla, estabelecida em diferentes tipos de signos” (FREUD, 1950 [1896], p. 185, tradução nossa).

A superposição das teses propostas por Freud, nos trabalhos anteriormente mencionados, traz três implicações importantes para a noção de memória na teorização do autor. Em primeiro lugar, a memória é apresentada como algo que não representa uma cópia mais ou menos fiel das percepções que geraram os traços mnemônicos. Isso porque essa memória está sujeita ao rearranjo, de tempos em tempos (*von Zeit zu Zeit*), dos traços mnemônicos (*Erinnerungsspuren*). No cerne da memória, está em jogo uma relação entre sinais que deixam seus registros no psiquismo e o rearranjo desses traços, sujeito às relações do sujeito com o mundo e com o outro. Esta relação produz uma lembrança que não guarda relação de identidade necessária com a materialidade da experiência e suas percepções.

A segunda implicação se relaciona com um deslocamento da memória da consciência para os domínios do inconsciente. Freud (1950 [1896]) defende que para que uma lembrança possa aparecer na consciência, seria necessário haver uma tradução do traço de memória, da marca permanente deixada pela passagem de Q. Estes traços, marcas, estariam todos inscritos sob o signo do inconsciente, de modo que aquilo que vem à consciência é apenas a representação do traço, uma vez que traduzido, e não a memória em si — diferenciando aquilo que rememorado da memória.

A tese proposta por Freud não só desloca a memória para o inconsciente, mas promove uma cisão ainda maior entre a memória e os domínios da consciência. Freud postula que a memória se relaciona com a consciência de forma excludente: “Consciência e memória são mutuamente exclusivas” (*Bewußtsein und Gedächtnis schließen, sich nämlich aus*), afirma o autor (FREUD, 1950 [1896] p. 186). Onde há consciência, não há memória, apenas representação, o que implica dizer que a tradução que emerge na consciência tem um caráter de singularidade, reafirmando a não manutenção de uma relação de espelho entre o traço mnemônico e a experiência que o produziu.

A terceira implicação é a de que, uma vez que as marcas mnêmicas são permanentes, elas podem até se modificar e, também, modificar as relações que estabelecem entre si. Mas elas nunca são apagadas, pois,

como vimos, os neurônios do sistema  $\Psi$  são permanentemente alterados pela passagem do estímulo excitatório. Assim, uma questão relevante para a psicanálise começa a se constituir: não há apagamentos de memória. Aquilo que é concebido como esquecimento não será pensado como uma falha na inscrição ou como um desvanecer dos traços deixados pela experiência; o esquecimento será um efeito, isto sim, de um impedimento de tradução dos traços, que, devido às defesas do aparelho psíquico, operando a fim de evitar o desprazer, não puderam ser trazidos à consciência (FREUD, 1954 [1895], p. 408). Os esquecimentos não são mais do que traços que tiveram sua tradução barrada por alguma resistência.

A esse respeito, Freud (1954 [1895]) é bastante direto em sua exposição. Ao falar do papel dos afetos defensivos, pontua que, se nos lançarmos a investigar a condição de uma ideia reprimida, referida adiante enquanto *B*, “descobrimos que essa ideia pode ser facilmente encontrada e trazida à consciência. Isso é surpreendente, pois poderíamos ter suposto que *B* foi realmente esquecido e que nenhum vestígio dela permaneceu em  $\Psi$ ” (FREUD, 1954 [1895], p. 408). No entanto, um exame mais a fundo nos mostra que isto não é verdade, pois “*B* é uma imagem de memória como qualquer outra. Não é extinta”. Esta ideia é, na verdade, um complexo de catexes, um complexo de neurônios investido de *Q* de uma maneira específica; assim se, realmente “*B* é um complexo de catexes, então uma resistência, incomumente forte, e que não pode ser facilmente eliminada, se opõe a qualquer atividade do pensamento em relação a *B*” (FREUD, 1954 [1895], p. 408, tradução nossa).

Esta tese proposta por Freud o distanciava essencialmente de teorias da memória existentes desde a antiguidade clássica, tais como as teses platônicas. Na ideia de memória que podemos encontrar na obra “Teeteto”, de Platão (2010, [369 a.C.]), por exemplo, a memória aparece descrita como uma impressão de um sinete em um bloco de cera.

Em seu diálogo, Platão (2010, [369 a.C.]) faz a exposição de uma certa memória que é pensada e descrita como “a mãe das Musas”. Deste modo, prossegue o autor (2010, [369 a.C.], p. 282), “se quisermos recordar algo — entre o que vimos, ouvimos, ou pensamos nós próprios —, tomamos impressões nesse mesmo bloco de cera e colocamos a cera sob as sensações e os pensamentos, como se estivéssemos imprimindo um sinete”.

Assim, “aquilo cuja impressão é fixada, recordamo-lo e sabemos, enquanto a sua imagem permanecer; por sua vez, o que é apagado ou não pode ser impresso, [e] esquece-se e não se sabe” (PLATÃO, 2010, [369 a.C.], p. 282). Deste modo na filosofia platônica a respeito da memória, há uma relação de semelhança necessária entre a memória e a experiência vivida, o original e a cópia. Tal relação, como nos indica Ricœur (2007), conceituaria a memória como uma espécie de representação presente de uma coisa ausente.

Tradicionalmente, a “memória era vista como reprodução”, aponta Rozenthal (2013, p. 95), “certamente menos nítida do que a realidade da percepção, dos fatos passados”, mas, ainda assim, uma reprodução. Entre memória e percepção haveria apenas uma diferença de grau, e não uma diferença de natureza. Esta forma de pensar a memória não deixa de arregimentar a famosa problemática platônica do simulacro, do original e da cópia.

A memória freudiana se diferenciaria fundamentalmente da memória platônica por algumas razões bastante específicas. De certo modo, já as citamos acima, mas é importante que façamos uma retomada rápida, dessa vez contrapondo-as às modalidades de pensar a memória na antiguidade.

A primeira razão pela qual a memória freudiana, nos trabalhos citados até aqui, se diferencia bastante daquela que aparece em Platão (2010, [369 a.C.]) se deve ao fato de que a memória em Freud não será pensada tal qual um sinete na cera. Como vimos, de fato há marcas. Porém, estas marcas não são as marcas exatas da experiência, impressas de forma relacional com a materialidade vivida e prontas para serem retomadas a posteriori.

Os traços dos quais fala Freud têm desde o início uma natureza distante daquela que é a natureza da percepção. Inclusive, ainda durante o “Projeto para uma psicologia científica” (1954 [1895]), podemos ver Freud afirmar que memória e percepção não são, sequer, processos de uma mesma natureza. A memória, normalmente, não arregimenta nada que seja da qualidade da percepção (FREUD, 1954 [1895], p. 370).

Podemos apontar como segunda razão o fato de que a memória freudiana também não faz referência à representação presente de uma coisa ausente. Os traços mnemônicos de que trata Freud (1950 [1896]), advindos de diferentes registros de signos, de sinais, não representam coisas, representam outros sinais. Rememorar, portanto, não é um exercício de trazer ao presente coisas que estão ausentes, pois, os



sinais, os signos, os significantes, não fazem referência às coisas em si. Fazem referência a outros signos, marcas, com os quais se relacionam. Rememorar é, de forma bastante singular, um exercício de produção constante de narrativas sobre as próprias narrativas.

A terceira razão está relacionada à concepção de que, diferentemente das teses platônicas (2010, [369 a.C.]) sobre a memória, não há, nestas primeiras proposições freudianas, um esquecimento que implica um apagamento da memória, dos traços mnêmicos ou das impressões. Os esquecimentos de que trata Freud (1954 [1895]), são, na verdade, impossibilidades de realizar uma tradução dos traços mnemônicos inscritos no inconsciente. O que emerge não é uma falha na inscrição mnêmica, um apagamento do registro, como era possível nas formulações platônicas, mas uma resistência que opera contra toda tentativa de lembrança da situação traumática.

Deste modo, a rememoração não só se daria pela diferença, mas seria um trabalho constante de tradução, transcrição e rearranjo dos traços constitutivos da memória. Freud lança a ideia de uma memória que é criação, produção, e não apenas reprodução. Dito de outro modo, nestes trabalhos freudianos que citamos até então (FREUD, 1950 [1896], 1954 [1895]), a memória não poder ser inscrita e lida como uma simples reprodução das percepções vividas, um arquivo a ser consultado ou uma ação de pura recursividade. Memória se relaciona com a criação constante de narrativas singulares.

### **MEMÓRIA, ARQUIVO E TRAUMA**

Como afirmamos na introdução deste texto, a concepção de memória que corta a obra freudiana passa por reconfigurações ao longo dos anos. Em outros trabalhos, os quais eram desenvolvidos e foram publicados entre a década final do século XIX e meados da primeira década do século XX, o modo como a memória era apresentada em Freud se mostrava bastante diferente. A memória enquanto criação é deixada em “modo de espera” e em seu lugar emerge uma memória arquivística, recursiva, uma memória que seria responsável por apreender o registro da materialidade do trauma gerador dos sintomas. Esta abordagem específica da memória é bem representada através de duas proposições bastante emblemáticas dos trabalhos iniciais realizados por Freud: a teoria da sedução e o método catártico.

Em seu texto “A etiologia da histeria”, Freud (2006 [1896]) discute aquilo que teorizava a respeito do papel fundamental que um trauma de

natureza sexual teria na vida de um indivíduo, apresentando-se como núcleo central da histeria. Para o autor, no referido trabalho, a origem do sintoma histérico poderia ser explicada a partir de um trauma que fora vivido pelo indivíduo ainda nos seus primeiros anos de sua infância (FREUD, 2006 [1896]).

A criança, segundo Freud (2006 [1896]), vivenciaria uma dada situação de abuso por parte de um adulto influente. Porém, inicialmente, não se instauraria um trauma propriamente dito, pois, naquele momento da infância, a criança ainda não possuiria um entendimento suficientemente amplo da situação para apreender as dimensões e a natureza do ato abusivo. Seria somente em um segundo momento, após a maturação sexual, quando a rememoração da experiência fosse feita, que o indivíduo passaria a apreender a experiência enquanto um abuso. E, a fim de evitar o desprazer que estaria atrelado à rememoração da experiência, recalcaria a situação traumática. Freud sedimenta, assim, as bases daquilo que foi então chamado teoria da sedução ou teoria do trauma (FREUD, 2006 [1896]).

Desse modo, O recalçamento da situação traumática estava no cerne dos sintomas histéricos. Neste modelo de pensamento da clínica da histeria, para que o indivíduo pudesse ver a si mesmo livre do sintoma, seria necessário que o analista/médico trabalhasse visando fazê-lo recordar, rememorar a cena primária do trauma: a materialidade de sua experiência.

A rememoração da materialidade do trauma estava relacionada com aquilo que na obra “Estudos sobre a histeria” (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895]) é chamado de método catártico. Neste método de tratamento, por meio da hipnose, o terapeuta ditava as coordenadas para que o paciente voltasse à sua questão traumática, promovendo, assim, pela via da fala, uma descarga da energia que estava relacionada ao conteúdo recalcado (ROZENTHAL, 2013).

Breuer e Freud (1992 [1893-1895]) pontuam que esta reação de catarse frente ao trauma só teria efeito pleno se a reação fosse, então, adequada ao trauma em si: ou seja, uma ab-reação. “Por ‘reação’”, afirmam os autores, “entendemos aqui toda a série de reflexos voluntários e involuntários em que, segundo o que sabemos por experiência, se descarregam os afetos: do choro até a vingança” (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa).

Os supramencionados autores prosseguem com a defesa de seu argumento, afirmando que, nos casos em que essa reação (ab-reação)

ocorre em uma escala adequada e suficiente, “desaparece boa parte do afeto; nossa linguagem testemunha esse fato da observação cotidiana através das expressões ‘*sich austoben*’ [‘desabafar’], ‘*sich ausweinen*’ [‘desabafar chorando’]” (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa). Se, no entanto, a reação ao afeto inconsciente for suprimida, o afeto irá permanecer ligado à lembrança, e retornará sobre o corpo sob a forma de sintoma.

Breuer e Freud (1992 [1893-1895]) continuam a proposição de sua tese afirmando que “o ser humano encontra na linguagem um substituto da ação; com seu auxílio, o afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase do mesmo modo” (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa). A linguagem, assim, de antemão já aparece como um substituto da ação. Ou melhor, a linguagem é, em si, uma forma de ação. Deste modo, não é por acaso que podemos ver os autores acima defenderem que, em certos casos, “o dizer é, em si mesmo, o reflexo adequado, como queixa e como declaração, em caso de um segredo que atormenta [a confissão!]” (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa).

Para Rozenthal (2013, p. 99), a implicação dessas proposições, lançadas por Breuer e Freud, é a de que a “reação adequada para o alívio do sofrimento neurótico corresponde à lembrança da materialidade do trauma que adoecera o sujeito. Rememorá-lo, isto é, colocar em palavras o trauma que invadira a subjetividade inadvertida seria, afinal, superá-lo”. Vemos serem delineados os contornos de uma memória que funciona como um arquivo no qual toda a materialidade da experiência estaria depositada.

Rememorar a materialidade da experiência traumática apresenta-se, então, como o método por excelência para resolver o conflito entre o Eu, fundado natural e biologicamente, e o desejo de natureza sexual recalçado, pois haveria, para este modelo de subjetividade, “uma representação absoluta de verdade, correspondente à memória da verdade material do trauma” (ROZENTHAL, 2013, p. 99-100).

Garcia-roza (2011) afirma que a teoria da sedução e ab-reação foram um empecilho para que o Édipo, as resistências e o recalque pudessem aparecer dimensionados do modo como os conhecemos atualmente. Afinal, enquanto a memória na psicanálise freudiana é teorizada como sendo o continente da materialidade da experiência, e sua constituição faz emergir certa relação de identidade com a percepção, não se abriria a possibilidade para que ela [a memória] seja cortada pelas fantasias edípicas da criança e que, à sua composição, seja dado um caráter

de singularidade e de diferença. No entanto, diferente de Garcia-roza (2011), nós defendemos que é possível encontrar marcas proeminentes, rastros, da teoria da sedução e de uma memória arquivísticas nos trabalhos freudianos mesmo após a elaboração do complexo de Édipo.

A estas proposições, objeções certamente podem ser levantadas. Afinal, sabe-se que Freud renuncia à teoria da sedução, afirmando, na “Carta 69”, enviada a Fliess (1986 [1897]), que não mais acreditava em sua teoria das neuroses, fazendo referência à teoria da sedução. Freud (1897) enunciava como uma das razões para tal renúncia “a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (p. 265).

Nesse sentido, a tese, defendida por Jeffrey Moussaieff Masson, nas conclusões de seu livro “The Assault on Truth: Freud's Suppression of the Seduction Theory” (2012 [1984]), e compartilhada por muitos círculos de Psicanálise, ganha força. O referido autor sustenta a tese de que o abandono da teoria da sedução, enunciado em 1987, foi definitivo e rompeu totalmente as relações da teoria freudiana com a realidade.

A partir desse movimento operado por Freud, a realidade material perderia completamente sua importância e seria substituída pelas fantasias, pela realidade psíquica, a qual teria papel fundamental na etiologia das neuroses. Para além disso, na ideia central contida na própria teoria da sedução, de que um dado acontecimento de ordem sexual receberia seu sentido de trauma apenas a posteriori, nos dá indícios de que, nesse momento de sua produção teórica, Freud já compreendia a memória como algo que não manteria uma relação de identidade com a materialidade da experiência vivida, invalidando, dessa forma, a argumentação desenvolvida nesta seção.

No entanto, para nós, a questão da dinâmica realidade-fantasia, presente no processo de rememoração, conforme pensado por Freud, se delineia de modo um pouco mais complexo, e, portanto, deve ser abordada de maneira cuidadosa, de modo que possamos produzir uma discussão a partir da qual a complexidade do problema seja contemplada com uma resposta à altura. Defendemos aqui que, de fato para Freud, a questão do quanto de realidade existia nas rememorações narradas pelos pacientes permanece em aberto durante muito tempo, marcando um pendular contraditório ao qual muitas vezes retornava o fundador da psicanálise.

Pensando a respeito da dinâmica realidade-fantasia na etiologia das neuroses, em uma nota que pode ser encontrada no texto “História de uma neurose infantil (‘o homem dos lobos’)”, podemos ver Freud (2010 [1914/1918]) afirmar o seguinte: “admito que essa questão é a mais espinhosa de toda a teoria psicanalítica” (p. 137). Ainda na referida nota, algumas linhas à frente, discutindo a mesma questão, Freud acrescenta: “[...] nenhuma dúvida me solicitou mais, nenhuma outra incerteza me impediu mais resolutamente de publicar a respeito disso” (2010 [1914/1918], p. 137).

Como uma resposta, embora indireta a essa questão do misto realidade-fantasia, Freud (2010 [1914/1918]) pontua que ele “mesmo gostaria de saber se a cena primária de meu paciente era fantasia ou vivência real, mas, considerando outros casos análogos, é preciso dizer que na verdade não tem mais importância responder a isso” (p.129). Estaria indicado, assim, que de fato a realidade material havia sido deixada de lado, e agora a realidade psíquica tomava seu lugar.

No entanto, como nos mostra Ginzburg (1990), “não é necessário recorrer ao famoso ensaio sobre a *Negação* (naquela data ainda não escrito) para afirmar que, para Freud, pelo contrário, a coisa importava muitíssimo” (p. 213, grifo do autor). Podemos ver o quanto a questão ainda estava em aberto na frase que, no texto freudiano, aparece logo na sequência do trecho que citamos anteriormente. Freud (2010 [1914/1918]) nos diz, ainda em referência ao homem dos lobos, que em seu “paciente, a sedução pela irmã mais velha era uma *realidade indiscutível*; por que não igualmente a observação do coito dos pais?” (2010 [1914/1918], p. 129-130, grifo nosso).

A afirmação de Freud decerto não indica que todos os traumas têm suas origens em experiências completamente circunscritas ao campo da realidade. Mas, apesar de reconhecer o vetor de fantasia existente nas neuroses, a citação acima marca, a partir de sua pergunta retórica, que os traumas podem ter origem também em uma vivência material. Portanto, a preocupação com a realidade material ainda estava bastante presente no pensamento freudiano.

Ginzburg (1990) vai ainda mais longe na análise do caso do Homem dos lobos e nos mostra de que modo, a partir da ideia de “Cena primária” (*Urszene*), a teoria da sedução é reativada no interior da psicanálise freudiana. Segundo o referido autor, embora o caso Homem dos lobos seja provavelmente a primeira vez em que Freud use o termo *Urszene* num texto destinado à publicação, “ele já aparecia, no plural

(*Urszenen*), numa carta a Fliess, de 2 de maio de 1897, e num texto anexo a ela” (GINZBUG, 1990, p. 211).

Quando aparecem no ano de 1897, afirma Ginzburg (1990), as cenas primárias não faziam referência “ao coito entre os pais, mas a atos de sedução sobre crianças realizados por adultos (frequentemente parentes); a tais atos atribua-se um papel etiológico decisivo na formação das neuroses, particularmente da histeria” (p. 211). Ao ser retomada, no caso do Homem dos lobos, a cena primária assume um papel ligeiramente diferente daquele que tinha em 1897, mas, mesmo apesar de sua reconfiguração, “faz reafiorar a teoria da sedução, dentro da qual fora originalmente formulada” (GINZBUG, 1990, p. 214).

A afirmação feita por Ginzburg se justifica na medida em que podemos ver Freud afirmar, na parte final do texto referente ao Homem dos lobos, que após a assimilação da cena de Grucha, a primeira vivência da qual o paciente realmente podia se lembrar, teve-se a impressão de que a tarefa analítica estava cumprida. “A partir de então não havia mais resistência, bastava apenas reunir e compor. *A velha teoria do trauma, que afinal se baseava em impressões da prática psicanalítica, retornou subitamente à vigência*” (FREUD, 2010 [1914/1918], p. 129, grifo nosso).

Tal afirmação, de forma perspicaz observada por Ginzburg, contrasta com outra proposição freudiana, que pode ser encontrada no texto “Contribuição à história do movimento Psicanalítico”, publicado em 1914 — mesmo ano em que Freud escrevia o caso do homem dos lobos —, embora só o tenha publicado em 1918. No referido trecho, Freud pontua que, no caminho para descoberta do núcleo das neuroses, “foi preciso superar um engano que quase se revelou fatal para a incipiente pesquisa” (2012 [1914], p. 259), referindo-se à teoria da sedução.

Assim, é esse movimento aparentemente contraditório que dá o tom da constituição de muitos conceitos da teoria psicanalítica, e a memória certamente não escapa a isso. Nossa defesa aqui, em suma, é a de que, apesar de enunciar um abandono da teoria da sedução em 1987, ainda podemos encontrar rastros, indícios, tais como o retorno reconfigurado da ideia de “cena primária”, desse pensamento em obras posteriores.

No fim, a leitura que realizamos de Freud, auxiliada por Ginzburg (1990), tem uma consequência muito importante para tese que defendemos neste trabalho: ela nos coloca em estado de alerta e nos impele a proceder com cautela em relação às perspectivas demasiadamente lineares e proposições que marcam viradas extremamente bruscas na constituição de um pensamento.

Se relacionarmos o argumento desenvolvido por Ginzburg a toda à discussão que aqui fazemos, somos levados a defender que o pensamento freudiano não se constituiu como algo que emerge necessariamente segundo os moldes de uma lógica racionalista e que seus conceitos não se fundam segundo uma arquitetura dedutiva, de modo que há uma coerência absoluta entre postulações distintas e que o abandono de um conceito implica seu apagamento definitivo.

Além disso, é importante destacar que não buscamos aqui defender que Freud continua atrelado a uma memória material da cena até a última de suas obras. De fato, no último Freud, por assim dizer, as relações com uma certa perspectiva de memória, ligada ao aspecto material da cena vão se tornando cada vez mais sutis, até que identificá-la seja uma tarefa muito complexa, talvez até fadada ao fracasso. Mas esse movimento não é concluído na passagem de uma obra a outra, apresentando-se, isto sim, como um processo disperso, lento e marcado por reconfigurações inapreensíveis em sua totalidade.

Uma vez que essa questão foi exposta e nossa posição tracejada, podemos prosseguir para a parte final deste artigo, na qual delineamos o trajeto da concepção de memória até seu desenvolvimento último em Freud.

### **REARRANJOS E RECONFIGURAÇÕES**

Embora a mudança não aconteça de uma única vez, Freud, após abandonar a teoria da sedução e o deslocamento da problemática da sedução do adulto para as fantasias da criança, lentamente provoca mudanças naquilo que vinha praticando. Desse modo, apesar de tal movimento não ocorrer de forma absolutamente progressiva, a noção de memória capaz de guardar a materialidade da experiência vai sendo posta de lado, e certa concepção de memória que é, de uma ponta a outra, singularidade, ocupa seu espaço.

Com a inserção do conceito de narcisismo, no ensaio “Introdução ao narcisismo” (FREUD, 2010b [1914]), publicado no mesmo ano em que era escrita a análise do Homem dos lobos (2010 [1914/1918]), a perspectiva de uma verdade material da memória sofre um golpe dos mais importantes. Na obra em questão, Freud (2010b [1914]) passa a valorizar a dimensão de alteridade que é constitutiva do Eu, afirmando que “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo” (p. 18-19). O Eu de natureza solitária, que muitas vezes aparecia postulado nos trabalhos anteriores, é posto de lado e preterido por uma forma de definir o psiquismo como efeito de um encontro com o outro.

No modo de pensamento existente em alguns trabalhos anteriores, tais como “A etiologia da histeria” (FREUD, 2006 [1896]) e “Estudos sobre a histeria” (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895]), o Eu era dotado de um caráter quase que estritamente biológico; a sexualidade não lhe seria inerente e constitutiva. Era o contato com esse trauma de natureza sexual, uma sexualidade que funcionava como um elemento estranho, vindo do exterior, que estava no cerne dos sintomas histérico.

No entanto, ao pensar as consequências da inserção do conceito de narcisismo na teorização realizada por Freud, Rozenthal afirma que “para a efetividade da subjetivação, tornara-se indispensável admitir a presença — permanente — do Outro, enquanto elemento constituinte do psiquismo” (2013, p. 101). O Eu era, dessa forma, despido de seu caráter estritamente biológico, o qual sofreria com um recalçado sexualizado, para então ser visto como algo que aparece no interior do encontro com o outro. A dimensão erógena do encontro estava então na base da constituição de um Eu cortado pela sexualidade de uma ponta a outra. Assim, o Eu perdia “a autonomia estrutural que possuía, e a sua identidade, unidade e coesão se veriam sempre articuladas à fantasia inconsciente de desejo sexual” (ROZENTHAL, 2013, p. 101).

Desfaz-se, assim, mais um dos nós que amarrava a concepção de memória freudiana com o estatuto de algo que reproduz como se fora uma verdade absoluta ou a materialidade da experiência vivida, pois, desde o início, a memória estaria atravessada na completude de seus registros pelas fantasias sexuais do Eu, operando, dessa maneira, sobre as narrativas que o sujeito produzia e contava para si e para o outro.

Desse modo, a conceituação desenvolvida em “Introdução ao narcisismo” (FREUD, 2010b [1914]) tem por efeito o delinear de certa ideia de memória que, pensada a partir da teoria apresentada na referida obra, não mais tinha a possibilidade de representar uma experiência tal qual aconteceu, e, portanto, se desfaz da ideia de uma materialidade que necessitava ser reproduzida para se alcançar a cura. Dessa forma, ainda que a teoria da sedução seja parcialmente reativada em trabalhos publicados em anos seguintes, podemos dizer que a introdução do conceito de narcisismo promove um golpe na concepção de memória que se relaciona com a materialidade do trauma.

Em um processo que se constitui em estado de tensão, essa materialidade da experiência, a qual precisava ser rememorada, passa a perder a relevância que possuía para cura. Tal afirmação pode ser justificada na medida em que compreendemos que lentamente o centro



de gravidade da conceituação da memória na teoria freudiana deixa de transitar entre duas perspectivas de memória e, eventualmente, se concentra sob a ideia de memória cortada pela sexualidade desde o início, atravessada fundamentalmente pelas questões do inconsciente, pelo recalque, pelo desejo, pelas dinâmicas afetivas, pelos processos primários e secundários.

Se a materialidade do trauma perde lentamente, embora resistentemente, sua importância para o tratamento analítico, o simples rememorar da experiência sobre a qual se assenta o sintoma aos poucos também perde a função que teria em termos de efeito definitivo de cura. Antes de tudo, seria necessário que o paciente produzisse uma elaboração sobre sua fantasia, sobre seu sintoma. Em outras palavras, era necessário que fosse produzida uma narrativa sobre as próprias narrativas que cortavam o sujeito, possibilitando, assim, uma reelaboração de uma posição subjetiva.

Em “Recordar, repetir e elaborar” (2010a [1914]), texto publicado no mesmo ano que “*Introdução ao narcisismo*” (Freud, 2010b [1914]), o autor nos apresenta a ideia de repetição — ideia que só mais tarde, em 1920, ganhará a consistência de um conceito. Em “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 2010a [1914]), a repetição é apresentada como uma forma de ação que está intimamente relacionada ao recalque. O indivíduo poderia viver determinadas experiências, e estas experiências teriam a potência, embora isto nem sempre aconteça, de deixar marcas em seu psiquismo, um traço de memória (*Erinnerungsspuren*). Esses traços podem sofrer traduções e rearranjos de tempos em tempos, a depender das demais experiências de vida. No entanto, se a tradução do traço do inconsciente para a consciência traz consigo desprazer, é possível que o recalque se erga, uma resistência se faça, e a rememoração seja barrada.

O sujeito então poderia agir influenciado por questões inconscientes, mas sem se dar conta de que o faz e sem apreender a real dimensão de seu agir, de modo que essa ação tende a se repetir indefinidamente. O indivíduo, segundo Freud (2010a [1914]), repete justamente aquilo que, por conta das dinâmicas de prazer e desprazer, não foi possível de ser recordado e elaborado com o instrumento da linguagem. A repetição é, dessa maneira, uma forma de recordação, uma forma de rememoração, mas uma forma através da qual o indivíduo rememora em ato, sem com isso ter consciência de que o faz. Há, assim, pela forma da repetição, da passagem ao ato, do sintoma, o retorno do recalcado, a volta daquilo que não foi elaborado.

Freud nos apresenta, então, o trabalho de rememoração (*Erinnerungsarbeit*) (2010a [1914]) como um movimento a partir do qual a elaboração dos traços se faz possível. O trabalho de rememoração (*Erinnerungsarbeit*) aparece nesse ponto em que o sujeito necessita realizar um investimento de natureza afetiva, um investimento libidinal, para conseguir sair desse curto-circuito, operando uma elaboração das marcas das experiências, realizando um movimento contranatural e produzindo uma narrativa sobre seu trauma. Trata-se de uma memória que precisaria ser exercitada.

Na teorização freudiana (2010a [1914]) a rememoração não se dá de forma espontânea, inscrevendo-se, portanto, como um movimento não natural. É preciso que se invista e que haja um trabalho para que a rememoração seja possível. E aqui podemos ver que a elaboração do traço de memória (*Erinnerungsspuren*) já possui fundamental importância na teoria freudiana. As ideias defendidas em “Recordar, repetir e elaborar” (2010a [1914]) rompem mais um dos laços que conectavam a teoria freudiana à memória material e, ao mesmo tempo, reforçam a natureza de produção singular da memória. Não se trata, aqui, de rememorar a cena primária do trauma, mas de produzir rearranjos e traduções dos traços de memória, produzir narrativas.

Em 1920, Freud publica “Além do princípio do prazer” (FREUD, 2010 [1920]), ensaio fundamental da teoria psicanalítica, no qual vemos reforçar-se esse caráter criativo e produtor da memória. Na obra é importante nos atentarmos não apenas para a postulação da “pulsão de morte”, enquanto conceito central que transformará a psicanálise, mas também para suas implicações: a partir do conceito de pulsão de morte o indivíduo é pensado como sendo atravessado por uma tendência do organismo a buscar o estado de tensão zero, algo que de certo modo já estava posto no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]), mas que aqui retorna e é rearranjado. A repetição ganha seu estatuto denso de conceito (“compulsão à repetição”) e o recalque passa a figurar definitivamente como sendo aquilo que impede a tradução dos traços mnêmicos para consciência. Entra em cena também a ideia de “angústia sinal”, de modo que a tentativa de evitar o desprazer é vista como processo primário reafirmado.

Nessa perspectiva, a teoria freudiana se dirige para a conceituação de que os barramentos da memória ainda estão relacionados a um trauma, uma experiência desprazerosa, tal como eram na teoria da sedução. Mas estes barramentos não mais são pensados como algo que aconteceria

por conta de um Eu isolado, que se defende de um acontecimento de natureza sexual. As impossibilidades de tradução são um resultado de uma defesa do Eu, cortado pela sexualidade de fio a pavio, defendendo-se de suas próprias fantasias e desejos, responsáveis por aumentarem a quantidade de tensão no organismo. E, desse modo, para rememorar, é preciso que um trabalho seja realizado, rompendo as resistências do próprio indivíduo em relação àquilo que ele mesmo deseja, produzindo uma tradução dos traços, elaborando narrativas nas quais o sujeito pode inserir a si mesmo e ao outro que lhe atravessa.

É assim que, através de uma série de reconfigurações, a natureza da recordação enquanto um trabalho de tradução, um trabalho de memória (*Erinnerungsarbeit*), é totalmente assentado. Um trabalho de configurações e reconfigurações que faz emergir a natureza de produção que é constitutiva da memória, fazendo com que, aos poucos, a memória que vai sendo postulada em Freud ultrapasse por todos os lados as dimensões de um simples arquivo.

Com o trabalho “Nota sobre o bloco mágico” (FREUD, 2011 [1925]), tudo converge para firmar o retorno da tese de que as experiências deixam sob o sujeito traços mnêmicos permanentes e passíveis de serem reordenados, porém, inapagáveis. Aqui, a tese das barreiras de contato permanentemente modificadas pelo estímulo excitatório, apresentada no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]), é retomada e rearranjada. Freud utiliza o bloco mágico como uma metáfora para pensar a memória e nos afirma que, tal como no bloco mágico, embora os desenhos na superfície possam ser modificados a tal ponto que cheguemos a pensar que houve um apagamento completo, ainda assim, as marcas que foram impressas continuam ali. Um olhar atento e um certo trabalho pode desvelar os rastros, os traços que existem para além da superfície de inscrição.

Conforme outras marcas vão sendo feitas na superfície do bloco mágico, as primeiras podem ser modificadas, alterando seu conteúdo e contornos. Mas, em nenhuma hipótese, as novas marcas apagam os registros das primeiras. Pelo contrário, elas se relacionam e podem existir inclusive em superposição: umas sobre as outras, ocupando os mesmos lugares sem se excluírem mutuamente.

A metáfora do bloco mágico reafirma também a proposição, defendida ainda no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]), de que a memória em si estaria no domínio inconsciente, constituída por traços que ficam em um nível diverso daquele da

superfície de inscrição, ou seja, da consciência e da percepção. Desse modo, aquilo que aparece na consciência seria apenas um resultado da tradução, uma representação dos traços.

Este modo de pensar a memória, segundo o qual há traços que permanecem inscritos para além da superfície de emergência, é retomado no celebre texto “O mal-estar na civilização” (2010 [1930]). Apesar de não ser um texto especificamente sobre memória, nele podemos ver Freud comparar o aparelho de memória com as ruínas da acrópole de Roma, indicando a existência de uma memória que conserva as marcas e os traços de experiências passadas juntamente com o presente que delas resultou; está em jogo, desse modo, uma memória que mantém vestígios das experiências anteriores, encobertas pelo presente.

Esta não foi a única vez que Freud aproximaria a psicanálise da arqueologia. Em um texto posterior, publicado em 1937, denominado “Construções em análise” (2018 [1937]), Freud pensa certas analogias que permitem aproximar, em dada medida, o trabalho do analista com o do arqueólogo. Segundo o autor, as relações entre essas duas práticas, arqueologia e psicanálise, seriam justificadas na medida em que o psicanalista opera suas construções um pouco como um arqueólogo, o qual ergue as paredes de uma construção antiga a partir dos sinais que dela permanecem, dos alicerces que ainda se conservam e das depressões existentes do solo. O que estaria em pauta, assim, na Psicanálise e em seu método de investigação e reconstrução, seria uma prática que se relaciona aos traços, vestígios, índices.

Desse modo, não é uma surpresa que vejamos Ginzburg (1990a), dessa vez em “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, estabelecer uma relação entre o método empregado por Sherlock Holmes para desvendar mistérios; o método Morelli, para identificação de autoria de obras de arte; e o método freudiano, para a investigação psicanalítica das neuroses. Todos estes seriam, segundo Ginzburg, exemplos privilegiados que indicam o funcionamento do paradigma indiciário. Estas três formas de investigação põem em movimento uma análise que toma o sinal, os vestígios, o rastro, como material de trabalho e ponto de partida.

No fim, após muitas construções e reconstruções, a memória em Freud tem seu caráter de singularidade e diferença sedimentado. Apesar de podermos apreender em certos trabalhos, mesmo após o abandono da teoria da sedução, a permanência de traços, vestígios de uma ideia de memória, para qual a materialidade da experiência é bastante relevante, podemos notar também que, aos poucos, embora não necessariamente

de forma progressiva, esse modo de pensar a memória é deixado de lado e substituído por uma memória como trabalho de produção e de ressignificação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso percurso pela conceituação de memória em Freud, vimos esta memória ser constituída em movimentos complexos, passando por construções e reconstruções ao longo da obra. Em nosso primeiro movimento, vimos a teorização freudiana delinear uma determinada concepção de memória que, em seu início, era formulada de maneira relativamente original, rompendo com certas tradições da memória. No entanto, em trabalhos publicados também na década final do século XIX e início do século seguinte, há trabalhos em que essa memória é conceituada de uma maneira bastante distinta, colocando em movimento uma concepção de memória como arquivo. Vimos, ainda, que a resolução desse conflito entre uma memória criativa e uma memória material, atualizava-se com frequência na teoria freudiana a partir da problemática da realidade material contra a realidade psíquica, ou fantasia *versus* realidade.

Por fim, em movimentos que são construídos de forma lenta e estão inseridos num campo de tensão, a concepção de uma memória que guardaria a materialidade da experiência vivida é deixada de lado, e seu lugar é, a partir de uma série de rearranjos, ocupado por uma determinada compreensão de memória enquanto potência criativa, fundamento da diferença e da própria subjetividade, marcada pela constituição de narrativas singulares.

Todo esse percurso da memória no pensamento freudiano tem consequências fundamentais para o desenvolvimento da psicanálise, cortando a prática psicanalítica em toda sua extensão. Após muitas obras, inclusive textos não publicados em vida, críticas, construção e reconstrução de múltiplos conceitos, Freud se firma em uma posição que traz muito daquilo que fora defendido nos seus primeiros ensaios sobre a memória, embora de maneira reconfigurada. Trata-se de um retorno a um começo distinto daquele que um dia foi. O próprio movimento freudiano de construção da memória é, nele mesmo, uma repetição que guarda em si a diferença, sendo construído em múltiplos estratos e se modificando conforme os traços são rearranjados.

A memória de que trata Freud, em seus últimos trabalhos, será de ponta a ponta um exercício de criação, produção, resistência e

insurreição contra a possibilidade de apagamento. Uma memória que é apresentada como um trabalho de elaboração e reelaboração da experiência e um exercício de construção narrativa. O que está no cerne de seu movimento será a representação-coisa, e nunca, meramente, uma representação da coisa, como um sinete na cera. Em Freud, o percurso da memória é um percurso da diferença.

## REFERÊNCIAS

- BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudios sobre la histeria (1893-1895). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas — Tomo II**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2. edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FREUD, Sigmund. Construções em análise (1937). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 327-344
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – volume 18**: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13–124.
- FREUD, Sigmund. Nota sobre o “bloco mágico” (1925). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – volume 16**: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 267-274.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – Volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.
- FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”) (1914/1918). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – Volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160.
- FREUD, Sigmund. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – Volume 11**: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-327.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1915). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – Volume 12:** Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-193.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – Volume 10:** Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 193-209.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud. Obras completas – volume 12:** introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação de Sonhos** (1900). Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria (1896). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume III:** Primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 187-215.

FREUD, Sigmund. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904.** Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. Project for a scientific psychology (1895). In: FREUD, Sigmund. **The Origins of Psycho-analysis:** Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887–1902. London: Imago, 1954. p. 347-445.

FREUD, Sigmund. Letter 52 (1896). In: FREUD, Sigmund. **The Origins of Psycho-analysis:** Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887–1902. London: Imago Publishing, 1954. p. 173-181.

FREUD, Sigmund. Brief 52 (1896). In: FREUD, Sigmund. **Aus den Anfängen der Psychoanalyse:** Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren, 1887–1902. London: Imago Publishing, 1950. p. 185-192.

GINZBURG, Carlo. Freud, o homem dos lobos e os lobisomens. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 207-218.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a. p. 143-180.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **The Assault on Truth:** Freud's Suppression of the Seduction Theory (1984). New York: Farrar, Strauss & Giroux, 2012.

PLATÃO. **Teeteto** (369 a.C.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROZENTHAL, Eduardo. Freud e a memória do futuro. **Estudos de língua(gem)**: linguagem, psicanálise e memória, Vitória da Conquista, v.11, n. 1, p. 93-109, jun. 2013.

RECEBIDO EM: 10/05/2021

ACEITO EM: 07/06/2021